O DEMOCRATA

(AVENIDA)

ANO 30.º Sábado, 21 de Agosto de 1943 **N.º 1398**

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp. — IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Por todos e para todos

A Intendência Geral dos Abastecimentos, criada por recente decreto do Ministério da Economia, é uma conseqüência indirecta da guerra que assola as cinco partidas do mundo, atingindo até os povos que, como nós, se mantêm à margem do conflito.

Desde que soaram os primeiros tiros da guerra, o Govêrno de Salazar tem procurado acautelar, tanto quanto possível, a economia nacional. Daí Portugal ser o menos atingido até hoje, entre todos, incluindo os outros países neutros.

Mas uma série de imprevistos veio prejudicar a política economica seguida, impondo assim certas restrições de consumo, a que estavamos poupados.

Para obter uma melhor distribuíção dos géneros de primeira necessidade criou-se a Intendência, cujos objectivos, expostos pelo sr. Ministro da Economia no acto da posse dos srs. Intendente Geral e Adjunto, são os seguintes:

1) Definir o que precisa a população; 2) Buscar os meios disponíveis para a satisfazer; 3) Assegurar a eqüidade na ditribuição dos bens de consumo de primeira necessidade; 4) Agir no sentido de TODOS terem nêles o seu quinhão legítimo.

Frisou ainda o sr. dr. Rafael Duque que os encargos do recente organismo de coordenação económica são *tarefa difícil e ingrata*. Tarefa difícil, em verdade, mas que pode ser facilitada e levada a bom têrmo, desde que os portugueses se compenetrem que o esfôrço a dispender *corresponde a uma mobilização ao serviço da nação*, para nos servirmos de um passo do discurso do Intendente, sr. major António Manuel Baptista.

Como agir, pois?

Restringindo os gastos; adquirindo o indispensável; fechando a bôlsa ao *comércio negro;* não indo além do suficiente para a manutenção da casa, são estas as medidas que competem às classes privilegiadas de colaboração com o produtor, que deve pedir maior rendimento à terra; do industrial, que deve elevar ao máximo o rendimento fabril; do comerciante, que deve vender com parcimónia; do operário, que deve pôr o braço — cada vez com maior entusiasmo — ao serviço do trabalho nacional.

Assim facilitaremos em muito a *tarefa difícil e ingrata* da Intendência Geral dos Abastecimentos e serviremos, como devemos, a nação.

P. S.

Os concêrtos musicais

Temos ouvido reparos judiciosos, com os quais concordamos, àcêrca dos concêrtos às quartas-feiras realizados no Largo do Rossio. Devemos desde já esclarecer que estamos de absoluto acôrdo com êles e pena é que (certamente por escassês dos fundos da C. T.) não sejam dois ou três por semana nesta quadra de verão.

Verifica-se o interêsse que êles despertam pela freqüência notada, e dão uma certa nota de civilização e prazer à gente da cidade e às pessoas que nos visitam.

O facto, porém, que hoje nos traz ao assunto, é o local. O Largo do Rossio está bem situado ùnicamente por estar quási debaixo dos Arcos, predicado quási indispensável para a maioria dos aveirenses realizarem qualquer coisa. Pois bem: em nosso entender é um péssimo local para os referidos concêrtos. É — regra geral — agreste, tôda a gente o nota, e muitas pessoas são obrigadas a retirar sem que o concêrto tenha terminado. Como remediar o mal? Só aproveitando o belíssimo Jardim com o seu magnífico corêto, que possuimos, lugar mais próprio, ambiente agradabilíssimo, tôdas as condições, enfim, que são a inveja de tantas terras que as não possuem. E nós, a realizar concêrtos num local, a todos os títulos impróprio, em um corêto menos próprio ainda! Sem confôrto, sem condições acústicas — aquilo é uma miséria! — quando temos tudo bom para o substituir. Por que se não terá feito ainda? Por irreflexão? Ou por o Jardim não estar debaixo dos Arcos? Para economizar luz? Não! Isso seria ridículo. Não é por causa da luz, porque há maneiras diversas de compensar êsse gasto se isso se tornasse efectivamente necessário. Francamante: não parecerá aos aveirenses que os concêrtos transferidos para o Jardim teriam o ambiente próprio?

Não deixava de ser interessante ouvir-se a opinião de algumas pessoas que pudessem manifestar-se, para a Câmara Municipal ou C. Turismo depois se manifestar.

Parece-nos que não restará dúvidas a ninguém de que a cidade poderá viver num âmbito mais distante da Arcada quando êle nos der mais distição e melhores condições de atingir determinada finalidade. E' o caso presente. Transfiram se os concêrtos. Dê-se conhecimento ao público dessa mudança e verão que a maioria aplaudirá.

Aveiro e o Concurso do Vestido de Chita

Eia, àvante, sem temor...

Despertou grande entusiasmo entre o juvenil meio costureiro da cidade, a local que no nosso penúltimo número publicámos sôbre o *Concurso do Vestido de Chita*, a muito interessante e simpática iniciativa do nosso colega portuense *Jornal de Notícias*.

Muitas das melhores modistas aveirenses, cujos nomes aqui registaremos, deram-lhe, desde logo, o mais amistoso aplauso e franco acolhimento, prometendo, com uma gentileza e desinterêsse muito para considerar, fornecerem e confeccionarem os vestidos-modêlos, que serão apresentados à apreciação e julgamento do público, pelos graciosos figurinos vivos que, estèticamente, possam representar, com vantagem, a costura citadina.

Teremos, pois, ocasião de apreciar na noite de 29 do corrente, no palco do Teatro Aveirense, o bom gôsto e a habilidade, principalmente, das nossas costureiras, aliados à elegância e graciosidade dos figurinos, devendo acrescentar-se que alguns dêstes são os autores dos próprios vestidos.

Os três primeiros modêlos seleccionados serão os representantes da costura aveirense no certamen final a realizar no Palácio de Cristal, em concorrência com os modêlos enviados pelas outras cidades nortenhas e, por isso, confiamos na competência e arte das nossas conterrâneas, de maneira a conquistarem um lugar honroso no concurso final, ficando na sua posse alguns dos valiosos prémios dos muitos que serão distribuidos. Por sua vez, Pompeu Alvarenga, correspondente do *Jornal de Notícias* e a quem êste confiou a missão de fazer interessar as nossas tricaninhas no *Concurso do Vestido de Chita* não se tem poupado a esforços para obter delas uma posição de destaque, que as há-de realçar ainda mais — e também a êle e a nós, visto sermos todos da mesma terra...

Ao *Concurso do Vestido de Chita*, raparigas!

Ajustai aos vossos corpos gentis, elegantes, a chita, tão usada antigamente mesmo pelas meninas de distinção, as mais presumidas e galantes, filhas de todos os tempos. Que nenhuma se sinta diminuida com isso. Há padrões de chitas lindas. Só resta escolhe-las e aplicá-las de maneira a condizerem com o todo, sem excluir o sorriso de quem as usa...

Um inquérito

Foi ordenado na Itália, após a queda do Duce, para saber a origem das fortunas de certos indivíduos que não tinham aonde caír mortos antes do advento do fascismo.

Se fôr feito com imparcialidade e justiça, diz um jornal afecto ao govêrno de Badoglio em tom de espectativa, muita surpreza vai aparecer...

Também nos parece.

Aveiro-Avenida

Foi aberta no domingo ao público, a estação urbana dos C. T. T., que, como temos dito, fica instalada num dos novos prédios da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, próximo do caminho de ferro.

Até que enfim! Os anos que levou a conseguir o que de tanta necessidade era naquele extremo da cidade!

Todos os serviços serão ali desempenhados excepto o de encomendas postais. Estão, por isso, de parabéns os moradores da grande área beneficiada agora pela Administração Geral dos Correios e de que resulta encontrar-se muito grata aquela parte da cidade, hoje importantíssima pelo seu comércio.

Missa de sufrágio

Na capela da Senhora das Febres, que fica num extremo do bairro piscatório e onde àmanhã se realizam várias cerimónias religiosas, é resada, na próxima terça-feira, uma missa por alma do falecido presidente do município, dr. Lourenço Peixinho, a quem Aveiro ficou devendo importantes melhoramentos, no número dos quais se contam os Lavadouros de S. Roque.

A iniciativa parte duma comissão de senhoras.

As restrições

Como estamos em maré de tudo se aproveitar, não desperdiçando nadinha, chegou a vez aos hoteis, restaurantes, pensões e casas de pasto de reduzirem a comida aos fregueses, limitando a duas as refeições diárias, fora o pequeno almôço. Assim, ao almôço só poderão ser servidos o acepipe ou sôpa, dois pratos e fruta; e ao jantar sôpa e dois pratos ou um guarnecido, fruta ou queijo.

Os dois pratos autorizados serão comuns a todos os hospedes ou clientes e não se consentirão ceias ou outras refeições extraordinárias.

Ás confeitarias e pastelarias também lhes foi vedado o fabrico e venda de doçaria fina, exceptuando-se, porém, as especialidades regionais, que, todavia, só podem ser adquiridas nas povoações da origem.

Isto, claro, enquanto durar o actual estado de coisas.

Problema resolvido...

Começa a esboçar-se a derrocada do individualismo culinário. A cantina passa a substituir a cozinha doméstica, quando se trata de grandes aglomerados humanos. Dadas as indispensáveis garantias de qualidade e limpeza da alimentação pública, a vida doméstica ficaria enormemente simplificada no dia em que as cozinhas, pensões ou restaurantes gerais preparassem e fornecessem a alimentação do prédio, da rua, do bairro. As donas de casa deixariam de estar às ordens das suas serviçais, que poderiam muito fàcilmente dispensar. Ora como isso se verifica já nos países adiantados, porque não há-de suceder o mesmo entre nós, se está provado que não é precise abarrotar o estômago, bastando tomar alimentos na devida porção de calorias, vitaminas, etc., como o demonstram os livros do distinto biologista, dr. Ferreira de Mira?

Nesta altura simplificava tanto a vida!..

Crónica alfacinha

SINTRA

Sintra, a magestosa; Sintra, a bela; Sintra, a encantadora princesa, reclina-se docemente na encosta da serra como em leito régio. E o monte, guardião antigo e devoto, contempla-a, extasiado de tanta formosura.

Braços niveos, recobertos de joias de raro valor, ela mostra a quem passa, a quem vai admirá-la. São os Paços do Concelho, são os rendilhados maravilhosos do Palácio do Monteiro Milhões (como o vulgo lhe chama), são os palacetes titulares circundados de belas e sumptuosas quintas, verdadeiros jardins.

Maravilha da natureza. Além, olha-a Monserrate, como apaixonado teimoso e aqui contempla-a os Capuchos. E o Parque, bem cuidado e romântico, sorri-lhe desvanecido. Ela convida o visitante a entrar no Palácio Rial, onde outrora sonharam lindas rainhas e onde reis levianos foram descansar, saboreando os frutos dos seus devaneios de amôr.

Lá em cima é a Pena, altiva e caprichosa, à qual mira eternamente o puro céu.

Haverá em todo o Portugal um lugar mais belo? Por certo que não.

Soluçam, baixinho as águas cristalinas na fonte dos Passarinhos e, olhando, do alto, a vila, fica-se encantado com a variante de tons da luxuriante vegetação. São tapetes de folhagem miuda e macia que temos sob os pés. E' o odôr puro e agradável do ar que prepassa ao beijar longamente essas árvores seculares, mas sempre em plena Primavera.

Contemplo embevecida do alto do Castelo dos Mouros as pequenas aldeias e freguesias que rodeiam Sintra. Lourel, Ral, Vila Verde, Terrugem, Granja, etc. E os meus olhos param um momento sem conseguirem reter as lágrimas num ponto de Lourel. Parece uma quinta. Ninguém dirá, olhando o portão elegante e a avenida cuidada, que conduz ao interior, que ali dentro repousam, para sempre, almas de crianças adoradas, corpos de noivas gentis, mãis e pais estremecidos.

Mas, deixemos a tristeza, que a hora é de oiro azul.

Cantam os pássaros, sôbre a ramaria das árvores, hinos de amôr. E as fontes falam dum romance desconhecido. Reina a paz na terra; é o fim da tarde. Núvens ténues vão desfazer-se nas eternas paragens do além. O sol torna-se menos brilhante, troca o manto dourado por capa de pétalas rúbras, e, lentamente, para não despertar a noiva dos seus sonhos, recua, recua até deixar de se ver.

Eu continuo sentada no mais alto do Castelo, o papel apoiado nos joelhos, sôbre um livro, deixando correr a pena ao sabor da fantasia do espírito para enviar à Veneza Portuguesa, cujos encantos também me fascinam, a dôce nostalgia destas horas passadas em Sintra.

12-Agosto-1943.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Vaga de calor

Também nesta cidade, sempre fresca por ser beneficiada pela brisa do mar, que lhe fica próximo, se fez sentir muito calor, principalmente no domingo, em que os termómetros marcaram elevadas temperaturas durante o dia.

Não se registou, porém, nenhum caso de insolação.

O que só depõe a favor da nossa resistência.

Pelo Teatro

A Companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar conseguiu reünir numeroso público, a-pesar-da época não ser das melhores, no último sábado.

O Instinto, peça escabrosa e com passagens emocionantes, chegou a causar, por vezes, calafrios na assistência.

O desempenho agradou, recebendo os intérpretes, no final dos actos, quentes aplausos.

O centenário de Eça de Queiroz

Por iniciativa do *Diário Popular*, jornal de larga expansão da capital, pensa-se comemorar a data do nascimento do grande romancista, em 1945, vai fazer um sêlo, devendo, por isso, Aveiro compartilhar nas comemorações, como alvitra o sr. Eduardo Cerqueira numa carta que escreveu a aplaudir a ideia.

Falta ainda bastante tempo. No entanto pode o *Diário Popular* incluir no número das adesões a nossa, que nem por ser modestíssima deixará de marcar o seu cantinho no meio das outras.

Os marmeleiros

Estão carregadinhos de fruto, mas o pior é escassear o açúcar, não se podendo fazer marmelada.

Mal vai aos apreciadores desta e doutras guloseimas.

O ALBERGUE quere alargar a sua esfera de acção até ao recolhimento de rapazes em idade de perigo moral, tendo já em projecto as instalações adquadas e a criação de algumas oficinas.

Êste novo empreendimento, que é dum altíssimo valor, poderá ter realização se o acarinharmos com o nosso auxílio.

Feio e ridículo

Tem aparecido na cidade, ùltimamente, umas senhoras que, francamente, são autênticos exemplares carnavalescos. Dos pés à cabeça é tudo, a bem dizer, postiço. Tudo. Que carantonhas! Que feia coisa! Que ridículo! E então o calçado? Os pés andam dentro dumas barcaças de cortiça, a boiar dum lado para o outro, como naufragos perdidos em pleno mar — observa um cronista destas monstruosidades.

Para onde caminharemos nós? O que pensará a mulher do seu valor, apresentando-se assim, na rua? Que diz ainda o cronista a que nós reportamos:

«Algumas trazem os pés no quinto e sexto andar das barcaças, que têm, pelo visto, tombadilho e porão. Eu admito que a mulher seja escrava da moda. Foi-o sempre. Mas que desça a um acto de manifesta deselegância — ela que tem obrigação de ser o arqui-tipo da elegância — é que eu não percebo. Ainda se podia admitir que, nestes tempos difíceis, o fizesse por economia. Era triste, mas era compreensível. Mas tal argumento não existe, porque essas faluas desbeiçadas custam os olhos da cara.

Nunca se vendeu cortiça por tão alto preço!»

Só resta preguntar: não será isto falta de chuva...

RECORDANDO

A propósito do afundamento do transatlantico *Bagé*, lemos uma interessante crónica do dr. Octaviano de Sá na *Gazeta de Coimbra*, que nele fez uma viágem ao Brazil, e que termina assim:

. . . .

Devo a êsse transatlântico, esta eterna recordação — ter voltado atrás na minha existência, podendo viver duas vezes a mocidade académica.

Na passagem da linha do Equador, conheci de perto a Mitologia, em figurinos carnavalescos, e, também por graças do saudoso *Bagé*, o Brasil dos *sambas* e aquela Copacabana, à qual bem se poderá aplioar o dito correntio: — O fim do mundo!

Como não hei-de lembrar-me do *Bagê!* E venham para cá com as doutrinas científicas das glandulas do macaco...

Ó dr. Octaviano: não faça troça e lembre se de que nas passagens desta vida tudo é preciso...

Mais cêdo ou mais tarde...

IMPRENSA

Ecos de Cacia

Mais um ano conta o defensor da importante região do Baixo Vouga, que José Marques Damião dirige auxiliado por Aníbal Cruz, de há muito ligado para o mesmo fim — pugnar também por os interêsses da freguesia onde vê a luz da publicidade.

Parabens de amigo.

Interdição

Por o sr. Arcebispo-Bispo da nossa diocese acabam de ser interditos e separados da comunhão dos fiéis, *Os Lusitos*, da Póvoa de Garção, que contra as disposições vigentes, tocaram numa dança, na freguesia de Vilarinho do Bairro, depois da festa de Santa Maria Madalena.

Visitai o Parque da Cidade

O desporto feminino

Discutindo-se agora muito os exercícios desportivos das senhoras da moda, e dizemos da moda porque as outras não têm tempo para pensar, sequer, nessas coisas — um médico estrangeiro, o dr. J. Héricourt, pronunciou-se do seguinte modo já em 1900:

A mulher não está no seu lugar, praticando os desportos; e para pensar assim, tenho razões de ordem fisiológica, de ordem estética e de ordem social.

A fisiologia e a estética, tendo a mesma base, dão, a tal respeito, respostas concordes.

Pela sua anatomia especial, a mulher

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Modas

A moda, minha senhora, é uma arte que devemos cultivar com o gôsto requintado com que se cultivam tôdas as outras artes. Infelizmente, muitas mulheres, algumas até inteligentes, limitam-se a usá-las, sem se darem ao trabalho de as estudar e daí resultam erros que as colocam num ridículo plano.

Criar uma moda é difícil, mas escolhe-la também o deve ser.

Como numa tela temos de combinar os tons e a harmonia das sombras, assim devemos verificar qual a moda que nos convém para não fazermos as figuras de certas senhoras, perfeitos autómatos que mais parecem trouxas carnavalescas do que mulheres vestidas.

Geralmente, as senhoras copiam as modas e nada mais. Mostram com isto que não possuem o mínimo gôsto artístico.

Vieram os casacos três quartos e tôdas, velhas ou novas, altas ou baixas, gordas ou magras, os vestiram. Vem a moda dos franzidos ou das pregas, adaptam-na da mesma maneira. Uma pessoa gorda com um vestido rodado é horrível; enquanto que o mesmo vestido numa magra a torna elegante.

É a *toilette* que faz o corpo.

Os ombros são descaídos? Põem-se umas omoplatas de entretela ou pastas nos fatos. O peito é alto? Basta ser moldado; mas se fôr pequeno, raquítico, umas formas no tecido de maneira a entufá-lo, aparentá-lo-á desenvolvido. É bem feita? Ponha os seus vestidos cintados, sem exagêro, a saia levemente rodada em baixo, salientando-lhe as ancas se não são muito desenvolvidas. Se o forem não os cinte tanto. É magra? Uma pregas simétricas podem torná-la mais forte.

Quere parecer mais nova? Decerto que sim. Vista coisas leves, tons claros, feitios simples. Se já tiver uma idade que não pode disfarçar, isso parecerá mal, é claro. Terá de combinar a idade que aparenta, repare bem, a que aparenta, com a côr, feitio e leveza dos vestidos. Olhe se o colorido das faces e cabelos dizem bem com o do tecido que escolheu.

É tão vasto o campo da moda, que dentro dêle pode encontrar tudo o que deseja.

Cultive o gôsto de si própria, estude-se, veja o que pode assentar-lhe melhor, desenvolver-lhe os dotes físicos ou encobrir-lhe os defeitos e só depois disto deve decidir-se a escolher o figurino.

Quere saber o que se usa?

No campo — continua a fúria das saias de alças, feitas em tecidos de fantasias, cretones, sedas leves, etc.

Aventais que abotoam atraz, parecendo saias. Tudo com muita roda, franzido ou pregueado.

Na cidade. Não há uma côr fixa, usa-se o estampado. Saias e blusas é o forte da estação. Blusas camisetes para a manhã, blusas de sêda de cores delicados para a tarde, blusas de rendas para a noite com saias de seda ou fantasias, com ou sem alças.

é incapaz dos esforços que lhe exige o desporto na sua perfeita execução, e ela, portanto, será sempre uma figura reduzida nesse meio. Mas mesmo que faça boa figura, nada ganha sob o ponto de vista higiénico.

Como médico, acrescentava, não conheço um único desporto que não seja susceptível de comprometer, em grau maior ou menor, a fisiologia feminina. Ser mãe é o ideal da mulher, o fim principal da sua actividade. Uma sociedade perfeita seria aquela em que a mulher pertencesse exclusivamente à sua casa e aos seus filhos. Infelizmente a mulher de hoje está deslocada do seu meio e vamos encontrá-la nas fábricas, nas oficinas, nas administrações, nas profissões liberais. Em todo o caso, os desportos constituem um *trabalho de luxo* ao qual a necessidade não obriga a mulher. O seu dever é abstrair-se disso, para conservar para a comunidade o seu valor social de mulher-mãe. Os exercícios musculares pertencem ao homem. Deve, pois, convencer-se a mulher de que a sua invencível e permanente fôrça reside na sua graça de esposa e de mãe, e não fóra dêstes objectivos.

É essa, sempre foi e há-de ser, a nossa opinião. A mulher tem uma função especial a desempenhar na vida —aquela que o dr. Héricourt lhe atribue. E chega. Resta que o homem volte a assumir, como antigamente, os deveres que lhe competem dentro do lar.

A faina das vindimas

A cultura do trigo não correspondeu ao esfôrço do lavrador. A colheita do milho será também deficiente. Os batatais — que eram promessas de aprêço — foram feridos pelo flagelo. Daí, termos um péssimo ano agrícola — em que a alegria das cantigas folclóricas cedeu lugar às preces a Deus, por melhores dias.

Estamos em vésperas de uma vindima farta. Em tôdas as regiões vinhateiras — são novas que chegam dia a dia até nós — cada pé de videira é uma romaria alacre de cachos, e são avisos certos de pisas, metendo-se pela noite adentro, nas andanças do lagar, as latadas em que os bagos de uva se assemelham a um mar de estrêlas verdes!

A fartura é tanta — Deus bendito! — que nalgumas regiões e lugares abrirão um mês antes da época própria, e os viticultores arreceiam-se já da falta de vasilhame para a colheita!

Pois não há motivo para cuidados de maior. Basta cada um lembrar-se de que vivemos em regime corporativo — colaborador seguro das boas e más horas — representado, neste caso, pela Junta Nacional do Vinho, que providenciará e dará facilidades para que haja pipas e toneis suficientes para armazenar o vinho português.

Confie o viticultor no Estado Novo como o Estado Novo confia no viticultor, já que Portugal confia em ambos, para a vitória da campanha *produzir e poupar* da qual, com vontade, esfôrço e resignação, sairemos vencedores.

As minhas férias

Arrimado, por necessidade de repouso, para umas termas escondidas nas montanhas mais visinhas da nossa Serra da Estrêla, onde, como em tôdas as outras, há sol e moscas, calor sufocante, tédio e nostalgia do nosso mar, luxo e miséria... tudo que é uso encontrar-se em tais paraísos de velhos, aqui estou também, feito, como tôda a gente, actor, comparsa e espectador em tão complicada comédia.

A estância, sem merecer referências especiais, é, contudo, agradável, sobranceira ao pequeno riacho que mais abaixo se chamará Rio Mondego. É constituida por pouco mais que um grande hotel, um balneário a êste ligado, uma clássica fonte de água que nasce quási quente em uma gruta gradeada, uma barraca que constitue o grande e o pequeno comércio, onde se encontra fruta, panelas de barro, cêstos, penachos para afogentar as moscas, livros, etc. e uma pequenina estação dos C. T. T.

Estou sentado, depois de um almôço quási sintético, no Parque que enfrenta o hotel e onde pousam os hóspedes que vão terminando a refeição. Aqui se passa, portanto, revista a tôdas as figuras, que, como eu, formam a cêna.

Ocupo-me hoje, apenas, de uma, que, por ser minha visinha de mesa, mais de perto tenho observado.

Senhora de uns 50 anos, bem pintados, comerciante tipo internacional, falando sempre em tons um pouco forte para ser ouvida, pois se nota bem essa preocupação — ser ouvida e notada...

Esta, é bem curiosa. Não precisa tratamento algum: respira saúde por todos os poros. Sabe que é vistosa, atraente, procura ainda marcar com a sua fácil verbosidade, essa posição que julga indispensável à sua vaidade feminina. Viajada, segundo diz em voz quási alta, à mesa, para eu e hóspedes em volta a quem mais prendem os cuidados das suas vidas e afazeres, cita, de quando em vez, uma terra de Espanha, uma alfândega na Bélgica, uma peripécia num navio em que fez tal e tal viagem... e assim faz a auto-propaganda da sua personalidade, quási banal, afinal, aos olhos dos observadores; mas essa vista, êsse deslumbramento que julga causar nos seus ouvintes, uns atentos e interessados, outros delicadamente distraídos e ainda outros indiferentes, constitue, afinal, o único tratamento de que essa senhora tem imperiosa necessidade.

Ao fim de 15 dias sentir-se-á feliz com o efeito que acreditará ter deixado na côrte que conseguiu criar à sua volta, e ficará esperando um ano com impaciência, outra oportunidade para ostentar a sua desmedida vaidade.

Ninguém tem coragem de o dizer à senhora, mas tenho a convicção de que todos o pensam e todos estão cheios de vontadinha de lho dizer.

Mas a cêna da vida...

11-8-943

Ac.

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

Mais uma vez com Salazar

Tenho a consciência de que nem sempre estive ao lado de Salazar. Foi nos tempos fáceis. Hoje, mòrmente quando se verificam tentativas de rebelião que obedecem a comandos e dinheiro de estranhos, mais uma vez aqui registo a minha solidariedade total com o homem que incarna a substância eterna de Pátria, pondo-me incondicionalmente ao seu dispôr: pela inteligência, pela oferta dos meus braços para combater e pelo desempenho das minhas funções como trabalhador. E' que a verdade é esta: mal de nós todos, os que somos portugueses, se Salazar e o Estado Novo sucumbissem nesta hora de trevas!

A Finlândia

De todos os Estados soberanos que lutam ao lado do *Eixo* contra o bolchevismo, há um que não é autoritário e mantém as suas instituições parlamentar-democráticas: a Finlândia. Por isso, as suas instituições merecem cuidadoso estudo e o seu patriotismo heróico o maior respeito.

«Há um quarto de século terminou a luta de libertação finlandesa contra a expansão bolchevista no norte e as tropas finlandesas e dos seus camaradas de armas teutónicos entraram triunfalmente na capital Helsínquia». Durante a campanha ninguém, homens e mulheres, poupou esforços ou fugiu a sacrifícios. Com a paz, veio o trabalho, o concurso de todos para manter a independência.

Um dos mais ingentes problemas a resolver era o dos «que representavam o futuro da Pátria — as mãis e as crianças». A Finlândia era um pequeno povo, depauperado; e, do outro lado, havia legiões imensas que proliferavam ràpidamente. Urgia «poupar a criança, levantá-la e tratar dela, pois cada vida humana no novo Estado era preciosa e tinha de ser conservado. Foi esta necessidade que originou a criação da *Liga Mannerheim de Protecção à Infância*». Com essa iniciativa tomou o então conhecido por «General Branco», actualmente marechal de campo Mannerheim, a resolução de reunir tôdas as fôrças da nação. «Só um país densamente povoado poderia fazer frente ao adversário do Leste». O seu apêlo foi ouvido. As mulheres que haviam servido na guerra entregaram-se à nova missão, tornaram-se amas, cuidaram dos filhos dos soldados mortos e organizaram serões de trabalho. Por tôda a parte surgiam fatos de criança. A *Liga* atingiu os pontos mais remotos do país e os seus membros lançaram mão da assistência médica. Como resultado, aumentou o nível da vida e diminuiu a mortalidade infantil. Entrementes, aproveitando a conflagração europeia, o colosso vermelho preparava-se para o assalto ao ocidente e a pobre Finlândia é mais uma vez assaltada pelas hordas vermelhas. Mannerheim toma a defesa do país e a *Liga* manteve-se no seu pôsto. «Da fronteira da Carélia fugiram para o interior do país centenas de milhares de finlandeses, trazendo consigo os seus últimos bens». Foi a altura de aparecerem os padrinhos de guerra. «A convite da *Liga Mannerheim*, diversas pessoas, associações, pessoal de fábricas ou sociedades tomaram a seu cargo o patrocínio de órfãos de guerra, a-fim-de proverem os filhos dos herois mortos daquilo que a família já não podia dar-lhes». E, «simbòlicamente, a Pátria perfilhou a criança órfã» e muito houve a fazer porque «a Finlândia estava sòzinha numa luta de três milhões de seres contra 180 milhões». Agora que a Finlândia combate «pelos mais altos valores espirituais» com poderosos aliados, a *Liga* continua as suas magníficas tradições «enquanto na Finlândia houver uma mulher com um recém-nascido que precise de conselho e auxílio».

E já que se fala de pequenos povos...

E já que se fala de pequenos povos, convém lembrar que, «devidamente autorizado por Staline, *czar* de tôdas as Rússias, o jornal «Prawda» revelou os planos anexionistas de Moscovo relativamente aos Países Bálticos e duas de deste europeu, alguns dos quais já sofreram as *delícias* do paraíso vermelho. Ei-las: Na Lituânia, relata Bernhardt Schnoepf, foram expropriadas mais de 1.600 grandes casas comerciais e cêrca de 6.500 empresas industriais, bancos e institutos de crédito. Daí, nem os fundos de assistência nem as pequenas economias dos trabalhadores se salvaram. Os prejuizos causados à Lituânia andam à volta de 800 milhões de *liras*. A vida económica paralizou, nem as pequenas empresas poderam aguentar se devido à falta de matérias primas e dos impostos que duplicaram e até triplicaram. Os preços dos artigos subiram entre 100 a 200 % e a percentagem de judeus empregados nos estabelecimentos retalhistas subiu para mais de 75 %.

Na Letónia, das 6.067 empresas industriais com 97.500 operários e operárias, 25 %, com 84,4 % da produção, foram expropriadas. Das 38.339 casas comerciais, 1.147, correspondendo ao valor de 58 %, tiveram a mesma sorte.

Mais atingida foi a Estónia. «Mais de 10 % da sua população foi deportada, assassinada ou desapareceu» e a economia estoniana ficou totalmente arruinada. As suas fábricas não puderam fazer a menor beneficiação; mas se a produção diminuia logo vinha a ameaça de acusação de sabotagem... Sucedeu isso nas fábricas de celulose e de papel, nas empresas de Reval, Keil e Turgel.

«Os letões, estónios e lituanos ficaram sabendo, por experiência própria, o que é a *economia bolchevista*.

E, assim, digam me: não havemos de estar com o Govêrno que nos conservou a paz contra os criminosos que, a sôldo doutrem, querem balticizar-nos?

Mais: temos de pedir a Salazar as mais severas sanções para aquêles que, nascendo ou vivendo em Portugal, deixaram de ser portugueses. Se não quizermos chegar à pena de morte, em virtude da *brandura dos nossos costumes*, não esqueçamos que os trabalhos forçados podem ser muito úteis para a economia nacional!

A continuidade duma batalha

Se Afonso Henriques batizou a Pátria, foi D. João I e Nuno Álvares que a crismaram no vale de Aljubarrota. Ali a tonificaram numa definitiva autonomia política que os séculos radicaram e hão de consumar ainda.

Castela sentiu, na fina flôr da juventude lusitana que rodeava o Condestável a essência e o espirito dum povo cioso, até ao sangue, da independência que a espada del-rei Conquistador começara a cimentar.

Por isso aquela tarde de 14 de Agosto de 1385 teve um poder mágico, daqueles que apartam destinos. Dominou-a o entusiasmo único duma espada — onde estavam presentes, concentrados, o vigor, a fôrça, a ousadia, o sangue duma raça, duma dinastia — a Afonsina. Traçou-se ali, pela coragem del-rei de Boa Memória e do Condestável, o rumo contínuo e inconfundível de Portugal europeu.

Aljubarrota, no seu simbolismo rácico e patriótico, parece-nos, ainda, há distância de cinco séculos, uma presença da personalidade colectiva da Pátria.

Agradecimento

Pedro Calisto, tendo utilisado, para sua mulher, os serviços da parteira sr.ª D. Angélica de Oliveira, julga-se no dever de lhe manifestar, publicamente, a sua gratidão pela maneira como a tratou.

Aradas, 18 de Agosto de 1943.

A' MARGEM DA GUERRA

PILOTOS DE PLANADORES BRITANICOS ENTRANDO NOS SEUS APARELHOS. SÃO HOMENS QUE SE TÊM REVELADO COMO SOLDADOS EXCELENTES

Carta de Lisboa

Primeiros frutos

Começou já a dar os primeiros frutos a Intendência Geral dos Abastecimentos, recentemente criada pelo Govêrno, para regular o fornecimento dos géneros mais necessários à vida.

Depois da repressão dos especuladores e açambarcadores tão eficientemente feita; depois do auxílio prestado à Agricultura, depois do desenvolvimento dado à marinha mercante, a Intendência Geral dos Abastecimentos veio completar a organização defensiva que o Govêrno entendeu por bem erguer, para poder melhor enfrentar as dificuldades provindas da guerra.

Do acêrto de tão útil medida, falam já e de maneira eloqüente, as medidas de restrições adoptadas pelo novo organismo, medidas que foram recebidas com o maior e mais geral aplauso, mostrando a compreensão da parte do público que, felizmente, soube perceber a intenção do Govêrno ao instituir o novo organismo.

Quem tem uvas tem açúcar

As instruções dadas pelo Govêrno para o aproveitamento do môsto da uva em substituïção do açúcar, vieram, mais uma vez, pôr em relêvo o interêsse e o cuidado que o Govêrno põe no abastecimento do país, e conseqüentemente nas medidas que urge pôr em prática para o realizar da maneira mais eficiente possível.

A última exposição feita à imprensa pelo sr. Sub-Secretário de Estado da Agricultura, foi mais uma afirmação dêsse interêsse e dêsse cuidado.

CORDEIRO GOMES

Para ponderar

Tendo sido, no domingo à noite, requisitados os socorros dos nossos bombeiros para um incêndio fora da cidade, a notícia chegou de tal forma alterada ao Teatro Aveirense, onde se efectuava uma sessão de cinema, que deu origem a haver alvoroço e estabelecer-se pânico a ponto de alguns espectadores fugirem, espavoridos, para a rua. E porquê? Por culpa, dizem-nos, dum bombeiro, que ali estava de serviço.

Haja, pois, calma, muita calma e nada de precipitações.

Prémios escolares

Na reünião do Conselho Pedagógico e Disciplinar do Liceu foi deliberado conferir os seguintes prémios:

Do *Dr. Santos Reis* (20$00), ao aluno Manuel dos Santos Pinto Serrão, que concluiu com distinção (18 valores) o curso complementar de Ciências e revelou as melhores qualidades de caracter.

Do *Governador Civil Nicolau Anastácio Betencourt* (100$00) ao aluno Luciano Sergio Lemos dos Reis, que concluiu também com distinção (19 valores) o curso geral—6.º ano.

Da *Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro* (100$00) ao mesmo aluno por ter obtido, durante o ano lectivo findo, a mais elevada classificação na disciplina de Português.

Serão entregues na sessão inaugural da abertura das aulas, em Outubro.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. Jeremias Vicente Ferreira, Aurélio Martins de Campos e Viriato Patricio do Bem; àmanhã, as meninas Alice Fernanda Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e Dolores da Silva Santos, irmã do nosso amigo Armando S. da Silva Afonso, escriturário da Direcção de Estradas da Guarda; a sr.ª D. Joana Virgínia da Rocha e Cunha A. de Lemos, esposa do sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, juiz de Direito na India Portuguesa, e o estudante Artur Moreira de Almeida, filho do sr. Armando de Almeida e Silva, da Granja; no dia 23, o sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil); em 24, o sr. Morcis Calado, sócio da Drogaria de Aveiro, L.da; em 26, as sr.as D. Leonor Machado da Cruz e D. Maria Helena Lona Peres Graça, esposas, respectivamente, dos srs. drs. Manuel Rodrigues da Cruz e João Herculano Graça, residente em Caria (Beira Baixa) e em 27, os srs. Ulisses Pereira, activo comerciante, e José Martins Pires, professor em Anadia.

Partidas e Chegadas

Está, de novo, em Aveiro o sub-inspector dos serviços da Administração Militar e nosso presado amigo, major Caria Rodrigues, que durante alguns anos desempenhou, com inteligência e são critério, as funções de tesoureiro do regimento de Infantaria 10.

É com satisfação que registamos a sua presença e o cingimosnum apertado abraço.

—Chegou do Funchal a sr.ª D. Eva da Paula, esposa do sr. Albino de Jesus, 2.º sargento-músico de Infantaria.

—A-fim-de freqüentar a Escola Raúl Dória, do Porto, veio de Sá da Bandeira (Angola) o estudante Francisco de Melo Seabra de Azevedo, filho do activo comerciante sr. Manuel Seabra de Azevedo e sobrinho do professor Severiano Ferreira Neves.

—Em gôso de licença está entre nós o sr. Joaquim Coelho da Silva, chefe de conservação de Estradas em Paredes (Douro).

—Foi para a Senhora da Hora a sr.ª D. Olinda Rodrigues Soares.

Praias e termas

Partiu ante-ontem para o Gerez, acompanhada dum sobrinho, a gentil D. Noémia de Faria Azevedo Sá Coutinho, cunhada do sr. dr. Jorge Novais e Cruz, ilustre professor do Liceu de José Estêvão.

—Também veraneia na Figueira da Foz o nosso apreciado colaborador, Jorge Vernex.

Doentes

Não tem passado bem de saúde, mas felizmente encontra-se melhor, a esposa do nosso amigo sr. tenente António Pedro Carretas, de Cavalaria 5.

Desejamos-lhe completo restabelecimento.

Agradecimento

Alsira Ferreira do Vale Varela, reconhecida às pessoas que se incorporaram no funeral de seu saudoso marido José Eduardo de Pinho Varela, vem por esta forma manifestar-lhes a sua gratidão e ao mesmo tempo reparar qualquer falta que involuntariamente tenha cometido.

Aveiro, 18 de Agosto de 1943.

Cadela perdida

Desapareceu de casa do snr. José Coelho, de Esgueira, uma cadela coelheira, de pelagem castanho escuro, que dá pelo nome de *Carriça*. Quem souber do seu paradeiro fará o favor de o indicar para aquela morada, onde será gratificado, pois que a todo o tempo, o seu dono procederá contra quem a retiver.

S. [emblem] R.

Ministério da Economia

Sub-Secretariado de Estado da Agricultura

—o—

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas

Edital

JOSÉ PEREIRA FIALHO JÚNIOR, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber, para execução do disposto no Art.º 17.º do Decreto n.º 31.445, de 4 de Agosto de 1941, que:

Francisco Nunes Geraldo, residente em Fermentelos, requereu autorização para instalar um lagar de azeite, por transferência, incluida na 2.ª classe com os inconvenientes de cheiro, perigo de incêndio e inquinação das águas, no lugar da Taipa, freguesia de Requeixo, concelho de Aveiro.

Quaisquer impugnações ou reclamações sôbre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, deverão ser apresentadas, no praso de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na sede da Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas —Avenida de Berne, n.º 1, Lisboa — onde poderão ser examinados pelos interessados, os documentos juntos ao respectivo processo.

Inspecção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Lisboa, em 14 de Agosto de 1943.

O Inspector Geral,
José Pereira Fialho Júnior

NECROLOGIA

No bairro piscatório finou-se quarta-feira de tarde, Maria da Apresentação Costa, a quem um sofrimento cardíaco, ùltimamente agravado, fez baquear aos 63 anos.

Muito conhecida, devido à vivacidade do seu espírito e às suas qualidades de trabalho, a sua morte causou profunda impressão no seio da nossa Beira Mar, como o demonstrou o entêrro ante-ontem realizado para o cemitério sul da cidade.

A extinta, casada com o sr. Luís da Costa, deixou uma filha e dois filhos, os srs. Joaquim da Costa, escriturário da Direcção de Estradas, e Américo da Costa, ausente na América do Norte.

A tôda a família, as nossas condolências.

* * *

Em Coimbra também deixou de existir, com 73 anos, o sr. dr. António Manso da Cunha Vaz que naquela cidade, onde se formou em Direito, gosava da maior consideração.

Era natural do Fundão e pai do distinto oftalmogista sr. dr. Cunha Vaz, que, juntamente com o seu colega dr. Abílio Justiça, aqui vem dar consultas ao nosso Hospital.

Sentindo o desgôsto por que acaba de passar o hábil clínico, acompanhamo-lo na sua dôr.

Correspondências

Esgueira, 18

O esteiro local continua a ter um grande tráfego, contribuindo para isso a indústria adobeira em que a nossa terra é fértil. Bom seria, portanto, que a Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro mandasse proceder à sua limpeza, pois a continuar assim, daqui a pouco os barcos mais carregados não poderão navegar até o seu têrminus.

Confiamos que providências sejam tomadas no mais curto espaço de tempo.

—Abriu, domingo, um novo estabelecimento para venda de vinhos e petiscos, cuja gerência está confiada às sr.as D. Silvia de Pinho Campos e D. Alda Pinho, filhas do nosso amigo António Joaquim de Pinho.

Acha-se montado com todo o asseio e confôrto, pelo que lhe antevemos as maiores prosperidades.

—De visita encontram-se entre nós os srs. Manuel do Nascimento e Filinto Nunes Feio, que em breve seguirão para a capital.

—Faz anos, no próximo dia 23, a esposa do nosso amigo Américo Ramalho.

C.

Quintans, 19

Três vezes vieram altimamente os bombeiros de Aveiro para acudir a incêndios aqui manifestados, sendo o primeiro num prédio acabado de construir e os outros dois em mercadorias que se encontravam na gare da estação do caminho de ferro.

Felizmente, os prejuizos não foram avultados.

—Nos últimos dias tem saído bastante batata destinada ao abastecimento do país.

Os negociantes não param, andam numa roda viva.

—Já começaram por aqui as vindimas ! E pelo visto a produção do vinho vai ser tanta que devem faltar vasilhas para o conter.

Pois antes fôsse menos e houvesse mais pão.

C.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Comarca de Aveiro

Anúncio

Por sentença de 16 de Julho corrente, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjugês Rosa Ferreira de Carvalho Afonso, ou Rosa Gaspar Ferreira de Carvalho, Portugal ou ainda Rosa Gaspar Ferreira de Carvalho Almeida Portugal, doméstica, de Requeixo, e seu marido José Ferreira Lopes, proprietário, de Mazede-Monção, na acção de divórcio que aquela moveu contra êste.

Aveiro, 31 de Julho de 1943.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
António Gurgo
O Chefe de Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo